

# COMBATE EM LOCALIDADE

Cláudio Ricardo Hehl Forjaz\*

A urbanização crescente característica do nosso tempo fez crescer de importância a consideração sobre os combates em localidade no desenvolvimento das operações militares terrestres. Neste artigo, o autor apresenta um elenco de exemplos desse tipo de combate ocorridos, particularmente, a partir da Segunda Guerra Mundial e lista os ensinamentos fornecidos pelos mesmos.

**O** presente artigo expõe um tipo de combate cada vez mais freqüente e ainda pouco estudado.

O desenvolvimento da humanidade trouxe, a partir da Era Moderna, uma maior urbanização da sociedade. Hoje em dia, os países mais desenvolvidos têm sua economia, força de trabalho, população economicamente ativa e elite intelectual, concentrados nas poucas dezenas de quilômetros quadrados de suas urbes.

Em suma, nos últimos séculos a população mundial, migrou para as cidades. Tal fenômeno gerou conseqüências não só nos campos

psicossocial, político e econômico, mas também no militar, levando a batalha para este ambiente.

Esses combates urbanos atingiram um grande desenvolvimento na Segunda Guerra Mundial, sendo que alguns deles foram tão marcantes que mudaram, não só o rumo da guerra como o comportamento e a conduta dos exércitos em campanha e o emprego militar da população civil habitante desses locais.

Fruto dessa experiência os exércitos dos países da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e do antigo Pacto de Varsóvia, dentre outros, têm procurando aperfeiçoar suas doutrinas para melhor adaptá-las a realidade do momento.

## DA ANTIGÜIDADE À PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

### OS PRIMÓRDIOS

Dizer que os combates em localidades nasceram nas grandes guerras deste século seria uma heresia.

Desde os primórdios da civilização existem guerras e cidades. Essas porém eram em pequeno número e pouco povoadas. A maioria da população vivia no e do campo.

Com o passar dos séculos, a arquitetura começou a se desenvolver e surgiram as primeiras muralhas, capazes de resistir a um assalto por vários meses, ou até anos. Contam as linhas da *Ilíada* de Homero que Tróia resistiu por volta de

\* Capitão de Engenharia.

uma década. Corria então o século XII antes de Cristo.

Antigamente, quando caía uma Cidade Estado e sua muralha, ruía junto seu Império. Isso é bem caracterizado pela queda de Atenas, Cartago ou Roma.

As muralhas se desenvolveram e se transformaram em fortalezas, fortes e fortins. Essas construções abrigavam muito bem os exércitos que, uma vez bem abastecidos, resistiam a longos cercos. As muralhas tornaram-se quase invencíveis até o advento do canhão, que passou a dominar os campos de batalha.

Com o decorrer dos tempos e com o aumento do comércio, as vilas começaram a se tornar cidades e, já no início da Era Moderna, muitas detinham uma respeitável área e população.

## NO BRASIL

### Brasil Colônia

Alguns livros de História fazem menção aos combates nos fortes e cidades do Nordeste, particularmente em Salvador e em Recife, durante as invasões holandesas ocorridas no século XVII.

Outro acontecimento histórico de grande importância foi a derrota dos invasores franceses de Du Clerc à cidade do Rio de Janeiro, em 1710. Os combates ocorreram dentro da cidade, tendo como palco várias ruas e praças importantes.

Após quase dez dias desde o desembarque em Guaratiba até sua rendição final, os invasores foram atacados por tropas regulares, por locais e, até, por grupos de estudantes.

Os luso-brasileiros se aproveitaram dos morros, das construções e do conhecimento do terreno para não dar trégua aos franceses. Esse é, talvez, o primeiro combate em nossas terras em que aparece a trilogia relevo-localidade-habitante.

### Brasil República

Na última década do século passado, tivemos os dois combates em localidade de maior destaque no cenário nacional: Lapa e Canudos.

O primeiro foi uma heróica resistência legalista que, tendo à frente o Coronel Gomes Carneiro, soube, mesmo que primitivamente, solidificar suas defesas alicerçando-as nas elevações

e nas construções da pequena cidade. A concepção dessas defesas foi tão eficaz que, detendo os rebeldes por 26 dias, possibilitou ao Exército o tempo necessário para se posicionar numa linha de defesa natural no corte do Rio Itararé e lá salvar a incipiente República, alicerçando a vitória na Revolução Federalista de 1893.

Já Canudos era uma vila que, apesar de jovem, possuía uma população de milhares de sertanejos que a transformaram, segundo o livro *Expedições Militares Contra Canudos — Seu Aspecto Marcial*, em ... *um castelo à moderna, com subterrâneos e armas, muralhas de duas braças, fossos e pátios*.

Essa localidade soube resistir a diversas expedições militares, só caindo frente à quinta. Apesar de não haver militares de formação em suas fileiras, Antônio Conselheiro e seus seguidores souberam utilizar muito bem o terreno, atacando as colunas legalistas nos deslocamentos através dos campos e tocando os invasores dentro dos labirintos do arraial.

Outro fato marcante foi o efetivo emprego militar da população civil na organização do terreno e na defesa da

cidade, quer construindo, quer combatendo.<sup>1</sup> Mais tarde verificaremos que existem muitas semelhanças entre essa luta e os combates no *Front Orient*, durante a última Grande Guerra.

### NO RESTANTE DO MUNDO

No século passado, encontramos algumas descrições dessa modalidade de combate onde se percebe o desejo do atacante em não se aventurar em ruelas escuras, casas sombrias ou na estagnação tão comuns nesse tipo de luta. Como exemplo, temos a Batalha de Gênova, cidade que, na época, já contava com 160.000 habitantes, ocorrida na época das ações de Napoleão na Itália.

No final do século, mais precisamente no final da Guerra Franco-Prussiana, Paris se transformou em uma única barricada, com homens e mulheres dispostos a defendê-la a qualquer preço. Fizeram-no com tanta coragem e energia, que quase evitaram que nela fosse hasteada o pavilhão prussiano.

Na Primeira Grande Guerra, houve poucos combates em localidades. Em Verdun, muita luta se desenvolveu em torno dos fortes dessa cidade francesa. Num deles, foi ferido e aprisionado, o então Capitão Charles De Gaulle, futuro chefe das forças "Franceses Livres" e presidente da França.

## COMBATE EM LOCALIDADES NO PERÍODO ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

### GUERRA CIVIL ESPANHOLA

A luta mais importante desse período da História, talvez pela sua selvageria, talvez pela complexidade política, ou mesmo por ter servido de "laboratório" para a futura guerra, foi a Guerra Civil Espanhola.

Essa guerra civil, pouco estudada em nosso país, conheceu a brutalidade de uma "guerra sem quartel" tão comum na Segunda Guerra Mundial. Inúmeros historiadores consideram, dentre as causas desse acirramento de ânimo, o excessivo número de combatentes civis, cheios de ódio e radicalização política. Somado a isso, ao contrário dos militares, com preferência a luta individual ou de pequenos grupos às grandes manobras de campo. As lutas de casa em casa foi uma constante em toda guerra, culminando com a longa resistência de Madri.

### GUERRA SINO-JAPONESA

Do outro lado do mundo, também havia uma guerra. A Guerra Sino-Japonesa, iniciada em 1931, lançou o

<sup>1</sup> Para termos uma melhor noção dos acontecimentos, retiramos duas passagens do livro *História do Exército Brasileiro*. Vol. 2, pp. 714, 715 e 729:

... No emaranhado de vielas e casebres, ocorreu o inevitável esfacelamento da disciplina da organizada coluna atacante. Com a fragmentação das forças, cessou o comando coordenado, e a luta passou a travar-se com pequenas frações, abrindo caminho a ferro e a fogo, enfrentando toda sorte de armas, desde as de fogo até a facas, punhais, facões e porretes, lutando-se, ferozmente, pela posse de cada casa...

... partiram as duas brigadas em direção à igreja nova. O movimento, a princípio, facilitado pela ausência de reação, detido, inesperadamente, pela fuzilaria dos defensores, surgindo de fossas e covas. À réplica imediata e combates furiosos, em que se envolviam inclusive mulheres e crianças, as unidades se separaram, atacando os pontos de resistência, a fogo e arma branca.

Exército nipônico num labirinto de combates isolados ou em grandes e povoadas cidades, desgastando-o em pessoal e material.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

### POLÔNIA

Às primeiras horas da madrugada de 1º de setembro de 1939, os canhões e motores alemães quebraram o silêncio da madrugada e avançaram pelas planícies polonesas. Três dias depois, a Inglaterra e a França entraram em estado de beligerância contra a Alemanha. Era o início da Segunda Guerra Mundial, a mais terrível guerra da humanidade e que iria envolver todos os continentes em um turbilhão insano.

Essa campanha é conhecida por ter sido a primeira na qual foi aplicada a tática da *Blitzkrieg* (guerra relâmpago), e que redundou num

sucesso extraordinário das forças alemãs.

Rompendo de todos os flancos, Hitler, em dez dias, batia às portas de Varsóvia. Após 27 dias de bombardeios, sendo 19 deles com apoio terrestre, caía a capital polonesa.

Mas é ali que surge a primeira resistência não prevista pelos alemães: a Batalha de Varsóvia. Foi nela que os alemães gastaram mais recursos, empregaram mais tropa e onde perderam mais soldados.

Outro aspecto aprendido foi a baixa operacionalidade dos blindados dentro da cidade, principalmente sem apoio de infantaria.<sup>2</sup> A extrema eficiência demonstrada nos campos não foi a mesma em combates nas ruas dessa capital.

Vale a pena ressaltar que Varsóvia era protegida por uma série de fortins, além de um sistema de barreiras onde os polacos empregaram mais de 150.000 habitantes locais.

Ali se registraram os mais encarniçados combates dessa campanha. Tais ensinamentos iriam ter repercussão no futuro, como por exemplo, na batalha de Dunquerque.

### FINLÂNDIA

Faço questão de aqui escrever algumas linhas, para tirarmos ensinamentos como os soviéticos o fizeram, sobre essa quase desconhecida campanha, a Guerra de Inverno, ocorrida de outubro de 1939 a março de 1940, entre a Finlândia e a URSS.

A vitória russa foi paga com uma perda em homens e material muito além do imaginado. Os finlandeses se bateram com uma coragem e organização sem precedentes.

Aos russos, além de compensações territoriais e financeiras, coube a oportunidade de aprender algo que seria extremamente útil no ano seguinte.

Foram os finlandeses os primeiros guerreiros a se camuflar com o uniforme branco no combate na neve. Além desse artifício, utilizaram intensamente a população civil em funções secundárias como telefonista, car-

<sup>2</sup> A 4ª Divisão Panzer perdeu 57 dos seus 120 carros de combate em menos de uma jornada, isto porque não usaram elementos de infantaria para protegê-los. (Divisões Panzer, p. 27).

*Os panzer (blindados) alemães recebiam tiros vindos dos porões, garrafas cheias de gasolina inflamadas (coquetéis Molotov) eram atiradas sobre os invasores, ou pelos que estavam nos andares superiores dos edifícios, ou pelos que se encontravam em buracos cavados na rua (Batalhas ganhas e perdidas, p. 41).*

regadores, guardas, cozinheiros, enfermeiros, mecânicos e mão-de-obra na construção de sistema de barreiras, abrigos, trincheiras, reparações e aberturas de vias de acesso, limpeza e manutenção de instalação e a construção de "bunkers" (abrigos reforçados), muitos deles de madeira e que se revelaram extremamente eficazes na linha de frente.

A Finlândia adquiriu um elevado nível de concentração de meios e, nos dias de hoje é a Nação com a maior capacidade de mobilização do planeta.

Constatamos que, mesmo não estando os combates em localidades constando do rol dos principais combates dessa campanha, os ensinamentos colhidos pelos soviéticos quanto ao acerto de emprego da população e dos recursos locais na construção de abrigos, obstáculos e atividades complementares iriam ser fundamentais nas defesas de suas cidades.

## NORUEGA

Essa campanha, também pouco conhecida, marca o início das operações aeromóveis, com conquista de aeródromos, e do apoio naval para conquista de cida-

des, destacando os assaltos a Oslo e a Narvik. A última delas será palco para a primeira batalha entre alemães e aliados de certa envergadura e com muitos ensinamentos para ambos os lados.

Narvik, conquistado pelos alemães no início da campanha, era um porto bem equipado e incrustado num fjord no centro da Noruega. Por lá o ferro sueco era exportado para a Alemanha, o que o tornava um objetivo estratégico de grande importância. Por essa razão, os aliados desembarcaram uma força composta por ingleses, franceses, noruegueses e poloneses, que conseguiram afundar os barcos alemães e retomar parte da cidade.

Pela primeira vez os alemães se viram numa situação crítica. O OKW, Alto Comando Alemão, determinou que dois de seus oficiais para lá seguissem e efetuassem o reconhecimento e os estudos de situação, ficando constatado que, apesar de não possuírem parte da cidade e o relativo domínio do mar, a situação dos alemães nas montanhas e no restante das áreas urbanas era melhor que a de seus adversários aliados. Hitler, então, deu ordem para resistir, e essa resistência conduziu-o à vi-

tória e à posterior retirada da força aliada.

Hitler tomou como doutrina que, resistindo, quebraria a vontade do adversário além de manter o terreno conquistado. Essa conduta se tornaria sua diretriz nos anos vindouros.

## HOLANDA, BÉLGICA E FRANÇA

### A Invasão

A Campanha Ocidental de 1940, como é conhecida, não teve muitos encontros de destaque em localidades, embora as estatísticas alemãs revelassem altas baixas nas escaramuças em vilas e cidades holandesas e belgas.

Na França, o quadro não era diferente. Com divisões blindadas como pontas de lança e um constante apoio aéreo, suas cidades e vilarejos foram varridos rapidamente pelas forças germânicas, com a população em pânico congestionando as vias de acesso e impedindo o emprego das reservas, aumentando o caos entre as forças aliadas. Esses acontecimentos foram agravados por não existir, entre os aliados, uma doutrina própria para combates no ambiente urbano.

## Dunquerque

Dunquerque merece destaque especial porque é muito polêmica a atitude do Alto Comando Alemão com relação à batalha. O certo é que, pela terceira vez na guerra, os alemães enfrentaram um grande efetivo bem posicionado numa localidade. As outras duas vezes já foram citadas: Varsóvia e Narvik. Os ensinamentos nelas recém-coletados orientaram as decisões das forças germânicas.

Se os alemães se atrevessem a entrar na cidade de Dunquerque, certamente perderiam efetivos indispensáveis para a posse do restante da França. Vale lembrar que, até aquela data, nem Paris nem a linha Maginot haviam sequer sentido o cheiro de pólvora, e Calais, o objetivo final dessa fase da ofensiva, tinha sido recém-conquistada.

Outro fato que pesou na decisão do Exército alemão foi a necessidade de cerrar meios de apoio de fogo e logísticos para a operação, uma vez que os aliados já

havam organizado uma defesa preparada capaz de resistir a um assalto imediato. Dunquerque era o ponto mais distante das fronteiras nazistas e sua linha de suprimentos ficaria vulnerável a qualquer ataque aliado. Em outras palavras, era muito dispendioso e inoportuno um ataque frontal.

Como alternativa, escolheu-se o cerco terrestre com as forças já engajadas, bombardeando a cidade com artilharia e aviação. Teoricamente foi uma decisão acertada, pois com poucos meios iria estrangular o grosso do inimigo, forçando-o à rendição.

Tudo ruiu por causa do mau tempo que, dificultando as operações da *Luftwaffe*, Força Aérea Alemã, beneficiou os aliados, os quais, numa memorável operação tática, executaram a maior retirada da História, surpreendendo os germânicos.

Após essa batalha, as forças alemãs concentraram-se e rumaram para o sul, aposando-se de metade da França e obrigando-a à rendição.

## FRONT ORIENTAL

Entramos agora na campanha que se consagrou como a mais importante da guerra, pois 70% do Exército alemão foi destruído nessa frente de batalha. Foi nesse teatro de operações que os combates em localidades atingiram sua magnitude, sendo Stalingrado talvez seu melhor exemplo. Houve um grande desenvolvimento nas técnicas e táticas para as duas fases das operações de combate em localidades, o cerco e o investimento,<sup>3</sup> bem como a inovação de armas, tais como os canhões ferroviários, os foguetes, o fuzil de assalto, fuzis com canos curvos para atirar nas esquinas e blindados com explosivos, dentre outras.

### Até Moscou

Só para se ter noção dos números, o Exército alemão bateu às portas de Moscou e de Leningrado, aproximadamente após seis meses de iniciada a campanha, e já havia aprisionado cerca de 3.500 soldados russos. Era o ápice da *Blitzkrieg* (guerra relâmpago).

Dentre as cidades conquistadas estavam Brest-

<sup>3</sup> Fase do combate em área edificada ou fortificada que consiste no avanço ordenado e metódico, edificação por edificação, quarteirão por quarteirão, através das mencionadas áreas (C 20-320).

Litovsk, Kiev, Smolensk e Odessa. Em Brest-Litovsk ocorreu a primeira grande defesa baseada em uma localidade. Combinando construções e edificações com as fortificações preexistentes, os soviéticos conseguiram um pequeno êxito ao resistir por uma quinzena. Já Odessa foi um dos heróicos focos de resistência, onde soldados e marinheiros, apoiados pela população local, estabeleceram defesas rudimentares que resistiram por quase dois meses e infligiram 100.000 baixas às tropas romenas e alemãs. Seus sacrifícios não foram em vão, pois vários ensinamentos foram colhidos e logo postos em prática pelos soviéticos nos combates seguintes.

Em Kiev e Smolensk, o Exército Vermelho empregou a velha técnica de terra arrasada, dinamitando tudo, não aproveitando suas edificações e vias de acesso como posições defensivas. Os alemães, que haviam estudado exaustivamente a campanha napoleônica na Rússia e já sabiam como "driblar" esse clássico artifício, enviaram suas rápidas unidades blindadas (*panzer*), cercando profundamente os exércitos comunistas, isolando-os de seu apoio logístico e deixando-os consumir seus poucos recursos até que a fome os derrotou. Foram mais de 600.000 prisioneiros em cada uma dessas batalhas.<sup>4</sup>

Após essas grandes derrotas e tendo as pequenas

contribuições dos valorosos de Brest-Litovsk e de Odessa, o Alto Comando Soviético passaria a adotar a tática de combate em localidade nas médias e grandes cidades e a técnica da terra arrasada e guerrilha nas aldeias e campos deixados ao invasor.

## O Inverno

No inverno de 1941, o Exército alemão foi detido nos subúrbios de Moscou, por uma bem preparada defesa de área alicerçada numa perfeita organização do terreno e que impediu a posse do principal objetivo estratégico nazista.

Aparece aí outro princípio básico da defesa de localidade, ou seja, o emprego maciço de mão-de-obra civil para reforçar as defesas da cidade. Essa mão-de-obra era geralmente constituída de jovens, idosos e mulheres que, orientados por poucos militares, liberaram os soldados para combaterem no front, salvando a cidade.<sup>5</sup>

Em Leningrado não foi diferente, tendo o cerco durado aproximadamente três

<sup>4</sup> A partir desses combates os soviéticos começaram a adotar defesas escalonadas em grandes profundidades, as quais, além de frearem o ímpeto do ataque alemão, evitavam as manobras de envolvimento. (Nota do Autor.)

<sup>5</sup> *Mais de 500.000 trabalhadores de Moscou e de sua região, na maioria mulheres, construíram defesas nos acessos distantes e próximo da cidade.*

...A defesa do perímetro externo da zona de defesa de Moscou ficou pronta a 25 de novembro. E, ali, trabalhavam mais de 100.000 moscovitas, com as mulheres predominando naquele número. Nessa linha, eles construíram 1.428 embasamentos e ninhos de artilharia de metralhadora, 160km de fossos anti-tanques (anti-carros), 122km de alambrados em três fileiras e grande número de outros obstáculos (A Defesa de Moscou, pp. 103, 104 e 105).

anos.<sup>6</sup> Um fato curioso a ser levantado sobre o cerco de Leningrado é que alemães e finlandeses ocuparam todas as terras em torno da cidade, deixando livre apenas as águas do lago Ladoga. Estas se congelaram no inverno e, após um bem-sucedido reconhecimento, foram abertos caminhos sobre o lago, por onde passaram as infundáveis colunas de abastecimento para suprir os três milhões de sitiados. Como a aviação não conseguia operar, por causa do mau tempo, a artilharia foi praticamente ineficaz, devido ao alcance.

Findo o primeiro inverno e estabilizadas as frentes em Moscou e Leningrado, Hitler dirigiu-se para o sul, onde vão ocorrer os principais

combates em localidades do ano de 1942.

Após o inverno, iniciaram-se os bombardeios sobre Sebastopol. Essa cidade sempre foi muito bem fortificada e, desde a Guerra da Criméia, no século passado, vem demonstrando ser um "osso duro de roer". A batalha foi marcada pela extrema selvageria devido ao tratamento desumano oferecido pelos alemães ao enfrentarem um povo aguerrido e determinado guardando uma posição fortificada, reforçada pelas cavernas e túneis da cidadela. Esse procedimento afetou, em muito, os combates, tornando a guerra no *front* russo uma luta sem quartel. A cidade soviética mais importante do Mar Negro só cairia em meados do ano.

## Stalingrado

Em outubro daquele ano tem início aquela que foi a maior derrota das armas alemãs em toda a sua história e, também, o ponto de inflexão da campanha russa: a batalha de Stalingrado.

Stalingrado era uma cidade de médio porte, com uma população de 500.000 habitantes, situada na margem ocidental do Rio Volga e onde os alemães pretendiam fixar o flanco norte de seus exércitos, protegendo-os em sua penetração rumo aos campos petrolíferos do Cáucaso. A princípio, era um objetivo secundário e até poderia ter sido conquistado facilmente pelos teutônicos, não fosse a relativa lentidão em lá chegarem.<sup>7</sup>

Sua importância se devia ao parque industrial, o terceiro em importância na época, com algumas fábricas vitais para o esforço de guerra soviético, como as metalúrgicas, de tratores etc. Para Hitler, a posse da "cidade de Stalin" era moral e psicológica.

Na época o STAVKA, o Alto Comando Soviético, criou a "Frente de Stalingrado", mobilizou a população, deslocou as poucas reservas disponíveis e entre-

<sup>6</sup> O planejamento das defesas consistia no emprego judicioso das construções. Essas foram preparadas para serem destruídas quando da ocupação pelos alemães, tornando-as obstáculos para as próximas vagas invasoras. A população civil foi instruída para combater nas ruas e se entrancheirar nas casas e edifícios. Organizaram-se unidades de combatentes, constituídas de toda sorte de trabalhadores residentes, vindo das mais variadas profissões e que se lançavam com denodo contra os inimigos. À proporção que entravam em combate, essas parcamente treinadas unidades ou pereciam ou se transformavam em destemidos combatentes. (Zhukov, pp. 61 e 103.)

<sup>7</sup> Quando o Exército foi totalmente engajado na conquista de Stalingrado, os alemães deveriam ter explorado ao máximo a superioridade da capacidade de manobra que possuíam (blindados e avião), ao invés de se deixarem atrair e fixar nos intermináveis e sangrentos combates de rua (Batalhas Ganhas e Perdidas, p. 225).



gou o comando ao General Chuykov. Sabedor da eficácia alemã quanto ao binômio avião-blindado, procurou neutralizá-la, trazendo o combate para dentro da cidade.

A estratégia de Chuykov consistia em ocupar e defender fábricas, casas, estações e prédios, transformando qualquer construção num ponto forte capaz de resistir, mesmo que temporariamente, aos ataques nazistas.

Os blindados alemães, eram atraídos para locais preparados pelos soviéticos, para serem emboscados e destruídos por armas anti-carro, ou então levados para áreas de fogos de saturação da artilharia vermelha. Com isso, os elementos de proteção ficavam a mercê das armas portáteis dos defensores.

O apoio aéreo imediato alemão ficava muito limitado pela dificuldade em se

localizar com exatidão a linha de bombardeio, agravada pela cada vez mais eficiente artilharia antiaérea comunista.

Os russos resistiram ferozmente, embora os edifícios, as casas e, vez por outra, quarteirões inteiros da cidade mudassem de mãos muitas vezes.<sup>8</sup> Os contra-ataques visando a reapossar-se das posições perdidas eram realizados no mais curto prazo possível.

A luta se desenrolou durante quatro meses e engoliu, nesse redemoinho danresco, dois exércitos de campanha alemães, além de destruir os exércitos de outros aliados do Eixo. Enquanto os teutônicos desgastavam sua elite blindada no interior das zonas urbanas, os soviéticos as concentravam distante destas. Quando veio o inverno e a lama congelou, dando mobilidade sobre o terreno, eles atacaram em forma de pinça e cercaram as forças do Eixo, levando-os posteriormente ao aniquilamento.

Nessa batalha de combates de rua, consolidaram-se, pelos êxitos obtidos, as ações de pequenos grupos, altamente móveis, adequadamente armados e agindo em apoio mútuo.<sup>9</sup> Aperfeiço-

<sup>8</sup> Para elucidar melhor a situação, foram retirados alguns trechos do volume 5 da enciclopédia História do Século 20, Vol 5, pp. 2045, 2046 e 2047: *Em Stalingrado, cada nova batalha se, transformava em combates entre indivíduos:... duelos corpo a corpo eram travados a golpes de faca ou até de picareta, pedras ou pedaços de aço retorcido, em meio à escura penumbra de fumaça e pó.*

O General Doerr escreveu: *A época das operações em grande escala está definitivamente encerrada... O quilômetro, como medida de distância, foi substituído pelo centímetro. No Quartel General, o mapa da luta passou a ser a planta da cidade.*

<sup>9</sup> Ilustrando, fomos autorizados a transcrever trechos interessantes do livro *Stalingrado*, pp. 62, 86, 88 e 89, onde um de seus capítulos intitulado "Todo alemão deve sentir-se sob a mira de uma arma russa" bem pode focalizar a constituição e o emprego de pequenos grupos nos combates dentro do perímetro urbano de Stalingrado: "...o movimento ao ar livre, durante o dia, tornava-se quase sinônimo de suicídio... a unidade básica de combate era a tocaia individual ou o grupo de assalto de diferentes armas, normalmente automáticas, granadas de mão, fuzis anti-tanques (anti-carros), ou, às vezes, um canhão anti-tanque... Os grupos de assalto normalmente se compunham de seis a oito homens cada um; seu trabalho consistia em penetrar nos prédios, e iam levemente armados. Atrás deles deslocavam-se os grupos de reforço, que os seguiam tão logo estivessem dentro do prédio e criavam um campo de fogo ao redor do alvo, para impedir a aproximação de reforços inimigos. Para esse fim, os grupos de reforço eram mais bem armados. Portavam metralhadoras pesadas e armas automáticas, morteiros, fuzis ou canhões anti-tanques, pés-de-cabra, picaretas e explosivos. Além desses havia também o grupo de reserva, usado para suplementar os grupos de assalto, bloquear os flancos contra ataque inimigo e, se necessário, proteger a retirada dos grupos de assalto e de reforço. Essas pequenas unidades,

aram-se também técnicas de investimentos e de assalto a pontos fortes,<sup>10</sup> presentes nos livros e filmes baseados nessa batalha.

## Varsóvia

Após Stalingrado ainda vieram incontáveis duelos urbanos, mas três deles repercutiram nos ecos da História. O primeiro deles é considerado, por muitos historiadores, como o berço do que hoje é o Exército judeu e o segundo como o extermínio dos últimos nacionalistas poloneses.

A revolta do gueto de Varsóvia em abril de 1943, foi um movimento *sui generis*. Pela primeira vez na guerra, um grupo relativamente grande de judeus enfrentariam os nazistas, com armas nas mãos.

Esses "condenados" viviam em condições subumanas pois, além de terem perdido quase tudo que possuíam, ainda eram expostos à desnutrição, doenças, maus tratos e, até, à morte. Porém foi nesse inferno que surgiu uma liderança capaz de "tirar água de pedra" e, usando meios escusos, como

subornos e contrabando, conseguiu transportar pelos esgotos as armas com as quais enfrentou, durante algumas semanas e sem nenhuma ajuda externa, salvo a de alguns compatriotas poloneses, os bem calejados alemães.

A luta foi uma típica ação de investimento, com um avanço ordenado e metódico, de casa em casa, de quarteirão em quarteirão, até o extermínio total do gueto.<sup>11</sup> Os nazistas sofreram grandes baixas e tiveram que desviar, da frente de batalha, unidades e

---

altamente especializadas, revelaram-se muito eficiente, e o pequeno tamanho da unidade básica, o grupo de assalto, possibilitava a formação de grupos de diferentes tamanho e composições, conforme a natureza do objetivo. Na defesa, possibilitava a formação de grupos de diferentes tamanho e composições, conforme a natureza do objetivo. Na defesa, os grupos de assalto apoiavam-se em armas anti-tanques, nos andares térreos, metralhadoras, nos andares superiores, com infantaria em todos os andares, incluindo o porão".

"As tropas de Von Paulus haviam sido reforçadas com diversas unidades especializadas, incluindo batalhões policiais e de engenheiros, peritos em combates de rua e em trabalhos de demolição. Entretanto, apesar de fortemente inferiorizados, os russos continuavam a dominar a técnica da luta de casa a casa. Havia aperfeiçoado o emprego dos chamados 'grupos de choque' pequenos pelotões mistos, integrados por soldados com metralhadoras leves e pesadas, fuzis, metralhadoras e canhões anti-tanques (anti-carro), que davam cobertura uns aos outros em contra-ataques relâmpagos. Criaram também as chamadas 'zonas da morte', casas e quarteirões fortemente minados, cujos acessos só eles conheciam, e para os quais procuravam atrair os alemães."

<sup>10</sup> As idéias do general Chuykov para investir, com êxito, contra pontos fortes eram as seguintes: montar a formação para atacar sorrateiramente, sem nenhum ruído. Aproximar-se das posições inimigas rastejando, aproveitando as crateras e ruínas; deveriam conduzir muitas granadas. Andar pela casa toda, sempre deixando a granada entrar primeiro. Não hesitar: jogar uma granada em cada canto do cômodo e seguir em frente. Dar uma rajada de metralhadora sobre o que restar; há uma regra rigorosa: garantir sempre que haja espaço para se movimentar; estar sempre preparado para o inesperado, pois as lutas dentro de prédios são as mais encarniçadas e imprevisíveis" (*Corpos de Elite*, Vol. 19, p. 373).

<sup>11</sup> Esse tema é constantemente apresentado em filmes, como no sentido de televisão *Holocausto* ou no filme baseado no livro *Mila 18* de Leon Uris, dentre outros. (Nota do Autor.)

grande quantidade de material e suprimentos.

Sabedores de seu destino nos campos de concentração, os judeus preferiram lutar até a morte nas vielas do gueto, mostrando a capacidade combativa de um povo, e lançando as sementes do exército da Terra Prometida.

Outro encontro de grande repercussão mundial foi o Levante de Varsóvia, o qual, iniciado em 1<sup>a</sup> de agosto de 1944, procurava ajudar os russos a apossar-se da cidade. Por causas políticas, entretanto, os pobres 2.500 poloneses do Exército Interno Polonês (Armja Krajowa — AK) se tornariam vítimas de 15.000 bem preparados alemães.

Varsóvia contava com uma população de 1 milhão de habitantes e, no momento, constituía um ponto estratégico, visto que, para lá, convergiam as melhores rodovias e ferrovias da Europa Oriental e por onde passava o grosso dos supri-

mentos alemães para o *front* oriente.

O Levante, mal organizado, mal preparado e possuindo muitos membros no interior do país, teve um início prematuro, baseado em informações erradas.

Concebido para evitar combates na cidade e concentrar as ações nas vias de comunicação, aos poucos foi se desviando do plano original e mergulhou a capital num inferno que durou 63 dias, ou seja, quase o dobro do tempo da campanha polonesa de 1939.

Inteiramente fracos em armas pesadas, mal treinados e precariamente comandados, esses patriotas tiveram que se adestrar combatendo e usar de criatividade na confecção de armas como morteiros e granadas.

De início atacaram, dos telhados e janelas, as repartições, escritórios, quartéis, depósitos, bases e hospitais nazistas. O apoio britânico foi seriamente prejudicado pelos russos, ficando então

os polacos entregues a própria sorte. Conseguiram, contudo, ocupar uma pequena parte da cidade, onde, com ajuda da população local, montaram um sistema de barreiras que resistiu até o fim.

Apesar de combaterem contra um exército adestrado pelos anos de guerra e muito bem equipado, o Exército polonês só foi derrotado pelo reforço em tropas regulares e em especialistas em combate urbano do Exército alemão, e pela ação de delatores.

Populares ajudavam o AK em tudo, desde o fornecimento de gêneros, até a encontrar caminhos pelos esgotos. As ruínas e entulhos, além de obstruírem a passagem de viaturas e blindados e de retardar o avanço da infantaria, escondiam o fantasma da tocaia, maior causadora de baixa nos alemães.

Resumindo, um exército mal treinado e precariamente suprido, inflingiu em 2 meses, baixas e perdas materiais muito superiores às que o Exército polonês, bem maior e melhor equipado, conseguiu impor ao mesmo inimigo durante a Campanha Polonesa, no início da guerra.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Infelizmente, o saldo no final foi desastroso: sucumbiram 200.000 poloneses, sendo aproximadamente 90% civis, além de parte da riqueza nacional, como monumentos históricos, museus, coleções de arte etc., destruídos ou saqueados. O AK teve aproximadamente 16.000 mortos, 6.000 feridos e 9.000 prisioneiros, enquanto os alemães 2.000 mortos e 9.000 feridos (*O Levante de Varsóvia*, pp. 152, 156 e 157).

## Berlim

A terceira batalha, também foi a última da guerra na Europa: a Batalha de Berlim.

Esta ocorreu numa cidade em ruínas, com cerca de 1.750.000 civis habitantes, a grande maioria mulheres, crianças e velhos que, mesmo certos da derrota iminente, construíram abrigos e obstáculos que resistiram por quase um mês. A ferocidade da luta foi tão grande que os russos fizeram erguer um monumento somente aos que tombaram nessa batalha, além de criarem uma condecoração especial para os que lá combateram.

## PACÍFICO

Os confrontos terrestres no Pacífico desenvolveram-se quase sempre em campo aberto, quer nas ilhas, quer nas selvas da península da Indochina. Exceção faz-se a Cingapura, onde após o cerco nipônico teve que se render principalmente por causa da destruição dos depósitos de água da cidade-fortaleza.

Em Manila, Filipinas, as pelejas foram encarniçadas pela posse do "Rochedo" (Ilha do Corregedor), ilha-

fortaleza que dominava a entrada da baía da capital filipina, resistindo heroicamente aos bombardeios e ataques japoneses por mais de cinco meses, somente caindo em 6 de maio de 1942.

Na reconquista das Filipinas por MacArthur, em 1945, Manila voltou a ser palco de uma desgastante luta de rua onde os franco-atiradores "amarelos" causaram pesadas baixas aos libertadores norte-americanos nos dois meses de luta.

## MEDITERRÂNEO

Aqui falaremos dos combates que tiveram lugar no norte da África e na Itália.

É comum assistirmos a filmes sobre a guerra na África ou lermos sobre os combates de blindados tão comuns nesse teatro de operações, marcado por amplas áreas desérticas. Todavia, é pouco citada a importância da resistência de Tobruk, que ficou isolada por terra durante quase toda campanha.

A defesa de Tobruk era um sistema de barreiras no perímetro da cidade e uma bem organizada rede de abastecimento naval, os quais davam suporte ideal à defesa móvel constituída por

uma guarnição de elite: os Ratos do Deserto.

Quando da sua queda, os combates não foram tão fanáticos quanto da frente russa, mas, ainda assim, são destaque no cenário africano por ter sido transformada na mais efetiva fortaleza desse teatro de operações, e onde Rommel sempre perdeu o impulso de seu Afrika Korps rumo ao Egito.

Contudo foi na Itália que se travou o maior combate em localidades de todo front ocidental: a Batalha de Monte Cassino.

Situado estrategicamente a cavaleiro da rodovia 6, que ligava o sul a Roma, esse bastião era o ponto principal da resistência alemã na frente Italiana, a chamada Linha Gustav, que aproveitava as elevações do Apeninos para cortar qualquer acesso aliado para o norte.

Cassino também era famoso pelo secular mosteiro beneditino que dava comando sobre toda a região.

Os aliados consideravam que a cidade era a chave das defesas teutônicas e lançaram um maciço ataque, logo rechaçado pela magnífica defesa alemã, um misto de obstáculos artificiais muito bem coordenados com as elevações e a cidade.

Os fracassos das investidas foram se avolumando, até que a Força Aérea foi chamada a intervir, reduzindo o mosteiro a pó e a cidade a ruínas, sob um manto de mais de 1.000 toneladas de bombas.

Apesar desses *reides* terem causado significativas baixas aos defensores, os auxiliaram nos preparativos do sistema de defesas da cidade, uma vez que as crateras abertas e os escombros que infestavam o perímetro urbano foram transformados em pontos fortes, casamatas, ninhos de metralhadoras, posto de vigilância ou de observação, abrigos etc.<sup>13</sup>

Outro grande inimigo com o qual os aliados se depararam foram os escombros que, além de retardarem os

deslocamentos, separavam os infantes dos carros de combate, tornando ambos vulneráveis às ações dos defensores, em particular às tocaias.<sup>14</sup>

Cassino só caiu em poder dos aliados em maio de 1944, quando outra linha de defesas já estava pronta: a Linha Gótica.

Foi também numa localidade, Montese, que nossos pracinhas tiveram suas maiores baixas ao investirem, em abril de 1945, contra uma posição defensiva alemã muito bem organizada e apoiada no binômio localidade-relevo.<sup>15</sup>

Na conquista da Itália foram registradas as maiores baixas aliadas de toda a guerra, estatisticamente falando, bem como onde fo-

ram mais lentas as progressões, demorando quase dois anos para a rendição das forças do Eixo nesse teatro de operações, dando-nos a noção exata da eficiência do binômio localidade-relevo empregada pelos defensores.

## FRONT OCIDENTAL

### França

Logo depois dos desembarques do dia D, houve duas batalhas que levaram inúmeros aliados de volta para casa em seus caixões.

Caen e St Lô são duas cidades da Normandia, sendo Caen a maior daquelas próximas às praias do desembarque. Nelas as defesas germânicas foram construídas em profundidade,<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Os deslocamentos, ressuprimentos, recompletamentos e evacuações eram realizados durante a noite, onde metade do efetivo permanecia de guarda contra uma eventual surtida inimiga enquanto a outra realizava estas e outras missões como construção ou melhoria dos abrigos e vias de acesso (*Corpos de Elite*, Volume 17, p. 332).

<sup>14</sup> Havia um círculo vicioso: era necessário a progressão da infantaria mas esta precisava do apoio dos carros de combate. Porém estes ficavam detidos pelos obstáculos e escombros. A engenharia que deveria facilitar-lhes o movimento era alvo dos atiradores alemães, que só podiam ser eliminados pela infantaria aliada (*Monte Cassino*, p. 125).

<sup>15</sup> *Inicialmente a progressão foi feita com relativa facilidade, mas, à proporção que se aproximava das casas, diminuía o seu ímpeto; constatamos, em dado momento, que o ataque estava praticamente parado* (Montese, p. 150).

<sup>16</sup> *Não tendo os aliados capturados Caen no dia "D", ficaram os germânicos com tempo para reforçar as defesas da cidade... Os fossos e trincheiras anti-tanques ao norte, leste e oeste da cidade foram transformados num forte sistema defensivo, de 5km de profundidade, coberto por campos minados... Dentro do cinturão, sete aldeias foram convertidas em localidades virtualmente à prova de tanques (carros de combate)...* (*A Conquista da Normandia*, p. 107).

de modo que as externas eram as mais levemente defendidas. Isso fez com que os aliados desperdiçassem sua artilharia num terreno praticamente vazio. Para esse nó rodoviário convergiram quatro corpos de exército aliados e suas defesas só foram vencidas depois de uma feroz luta, com quase duas centenas de blindados aliados destruídos.

St Lô tinha importância estratégica, por ser outro nó rodoviário de quase dez estradas. Cidade pacata, cercada por elevações que foram muito bem descritas pelo livro *A Conquista da Normandia*: “na verdade a posição era imensamente forte. Os pequenos campos e cercas-vivas davam, aos germânicos, cobertura perfeita; as veredas rebaixadas ofereciam-lhes excelente meios de comunicação, facilmente protegidos por poucas armas bem embaçadas. As casas das fazendas e dos vilarejos, construídas de pedra, constitu-

am-se em bons centros de resistência”.

Essas seriam as primeiras de uma série de encontros em localidades da Europa Ocidental.

### Holanda e Bélgica

Nesse teatro de operações, alguns combates em localidades ficaram famosos nos anais da História Militar, como Arnheim e Bastogne, inclusive imortalizados em filmes.

A primeira foi uma peleja onde não houve preparação oportuna por parte dos defensores alemães, apanhados de surpresa pelo envolvimento vertical realizado pela Primeira Divisão Pára-quedista Inglesa. A extrema capacidade dos britânicos em aproveitar as construções e escombros da cidade, os bosques vizinhos e os terrenos alagadiços para se defenderem dos contra-ataques teutônicos fizeram com que a ferocidade dos combates se prolongasse por dez dias,

até ser vencido pelas forças alemãs, numericamente superiores, empregando, inclusive, um corpo-de-exército blindado (*Panzer*) das SS.<sup>17</sup>

A segunda batalha marca o clímax da última grande ofensiva de Hitler na guerra, a Ofensiva das Ardenas, em fins de 1944, onde a 101ª Divisão Pára-quedista americana, reserva estratégica dos aliados, foi cercada na região de Bastogne e lá resistiu por algumas semanas alicerçando sua defesa no eficiente binômio relevo-localidade.

Existiram também outros combates em localidades, onde os alemães procuraram basear suas defesas em regiões urbanas, cercadas de elevações favoráveis ou em cidades com fortalezas, algumas medievais, como em Metz, onde conseguiram deter o avanço aliado de julho à setembro de 1944, estabilizando toda a frente de batalha.

## PERÍODO DOS PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

### GUERRA DO VIETNÃ

A Guerra do Vietnã não se limitou, conforme às ve-

<sup>17</sup> Nessa batalha, os alemães usaram sua habitual técnica de empregar os canhões dos blindados para eliminar os focos de resistência, quando então a infantaria investia e apossava-se o local. Outra técnica era a dos “buracos de ratos”, onde se fazia um buraco na parede, instalava explosivos, detonava-os e posteriormente assaltava a posição inimiga através do rombo aberto. Eram maneiras lentas, mas eficientes de se vencer um inimigo bem aferrado ao terreno. (Market-Garden, pp. 134 e 148.)

zes somos informados, às lutas travadas nas matas, cheias de armadilhas e emboscadas, onde os combates em localidades se restringiam às aldeias rurais, compostas de cabanas de palha ou madeira e onde a guerrilha imperava pela sua eficácia, eficiência e efetividade. Ledo engano, pois o ponto de inflexão da guerra, a ofensiva norte-vietnamita do Tet, teve como foco central a antiga capital imperial do Vietnã, a cidade de Huê.

Em fevereiro de 1968, apesar das crescentes baixas, Giap, comandante das forças comunistas desencadeou um ataque generalizado durante o cessar fogo do Tet, ou ano novo chinês, que surpreendeu a todos. Tal ação pôde ocorrer ao mesmo tempo em várias aldeias e cidades do Vietnã do Sul.

Sendo largamente coberto pelas redes de televisão americanas que, filmando "ao vivo", fez com que a ferocidade da guerra e suas cenas de brutalidade e horror invadissem os lares de seus compatriotas, causando um efeito psicológico jamais imaginado na população americana. A partir daí, as pressões para a retirada das tropas chegaram a tal ponto que houve conflitos em universidades e nas ruas, tornando-a a guerra mais impopular dos Estados Unidos e irreversível o processo de retirada dos contingentes norte-americanos.

Em Huê, os comunistas usaram de toda a sua astúcia e conhecimento para tocar cada americano que se dispunha a aventurar pelas ruas dessa cidade.<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo em que havia pelejas nas selvas e vilarejos da fronteira entre os dois Vietnãs, ocorriam ações de sabotagem e terrorismo, em particular em Hanói.

Essas ações, agiam psicologicamente sobre o soldado americano, fazendo-o viver sob uma tensão nervosa nunca antes presenciada na história de seus exércitos, além de deterem um elevado efetivo nas zonas de retaguarda, na missão de policiamento. As cenas do filme *Bom Dia, Vietnã* bem evidenciam esses atos.

Apesar da vitória militar na batalha de Huê, foi lá que os americanos tiveram suas maiores baixas, chegando a quase dez por cento do total das registradas em cerca de treze anos de presença no conflito.

<sup>18</sup> Alguns trechos retirados de um artigo sobre a batalha, da revista *Corpos de Elite*, volume 16, da Editora Globo, pp. 321, 323 e 324 nos mostra a realidade das operações:

*... Embora fossem treinados para operar em ambientes distintos, os jovens recrutas esperavam combater os vietcongs nas áreas rurais, onde poderiam contar com enormes recursos de potências de fogo e teriam a vantagem de sua mobilidade superior. Entretanto, nos combates a curta distância, dentro de perímetros urbanos, a superioridade em armamento diminuía de importância. Nessa modalidade de luta, franco-atiradores bem posicionados podiam ter mais utilidade do que o fogo de apoio da artilharia, e montes de escombros ofereciam às tropas defensoras um abrigo tão eficaz quanto edifícios inteiros.*

*... A determinação das forças norte-vietnamitas em resistir até as últimas conseqüências e a ferocidade da luta de casa em casa transformaram os combates de Huê na batalha mais terrível dos fuzileiros navais no Vietnã.*

Maiores detalhes sobre essa batalha podem ser vistos no filme *Nascido para Matar* ou no documentário *Século 20*, que passa na TV Manchete. (Nota do Autor.)

**ORIENTE MÉDIO E Balcãs**

Após o término da Segunda Guerra Mundial, essa foi a região mais explosiva do planeta, num constante estado de beligerância. Uma lista de infindáveis acontecimentos, como o renascimento do Estado de Israel e suas guerras de autodeterminação, a radicalização religiosa, as guerras entre árabes, as intervenções da ONU em Suez (Egito) e em Beirute (Líbano), a Guerra do Golfo, guerra de libertação no Afeganistão e conflitos de secessão, étnicos e religiosos na ex-Iugoslávia.

**O habitante em armas**

De curta duração, como os combates pela posse de Jerusalém, na Guerra dos Seis Dias (1967), ou de longa duração, como os de Beirute (Líbano), Cabul (Afeganistão) e Sarajevo (Bósnia), essas lutas apresentaram a

consolidação de um novo elemento no combate em localidade: o habitante que se tornou soldado regular, guerrilheiro e/ou terrorista.

É interessante notar que, no início da década de 80, os israelenses, a pretexto de defenderem a face norte de seu país das incursões árabes, invadiram o sul do Líbano, mas não se aventuraram à luta desgastante nas ruas de Beirute, deixando essa missão para as Forças de Paz da ONU (franceses, americanos, italianos etc.) Por que terá sido?<sup>19</sup>

Em todos esses combates, o defensor se valeu do binômio relevo-localidade para impor sua vontade sobre o atacante, escolhendo a hora e o local para atacar, surpreendendo-o e se evadindo pelos labirintos, só por ele conhecidos. Esses conflitos não têm causado tanta destruição como os ocorridos nos combates em localidades das Grandes Guerras.

**Guerra do Golfo**

Durante a Guerra do Golfo (1991) não houve combates em localidades que se avultassem no cenário da luta. Foi dada muita ênfase às "operações cirúrgicas", ou seja, a destruição específica de um ponto predefinido empregando um míssil, algumas vezes apoiados por câmeras que filmavam o impacto. Essa linha de ação demonstrou uma excelente eficiência de destruição, economizando tempo, dinheiro e vidas humanas.

Contudo os combates em localidades que ocorreram nessa guerra não apresentaram características de emprego das construções como posições fortificadas.

**Emprego de gases**

Permitimo-nos observar dois fatos interessantes que marcaram o retorno de um elemento às operações: o gás letal.

O primeiro foi o bombardeio da aldeia curda de Halabjah, pelos iraquianos. Empregando artefatos químicos de grande poder de envenenamento tóxico, foi o pior ataque com gases desde a Primeira Guerra Mundial. Ocorrido em 16 e 17 de

<sup>19</sup> Os mais encarniçados combates da Guerra dos Seis Dias, onde o Exército Israelense sofreu as maiores baixas foi a batalha de Jerusalém (*Guerra dos Seis Dias*, p. 117).

Hoje em dia, podemos verificar, com base em dados estatísticos, que o desgaste político e psicológico sofrido pelas forças de Tel Aviv em escaramuças com radicais islâmicos nas cidades ocupadas da Palestina são superiores ao das guerras de autodeterminação, como do Sinai, dos Seis Dias ou do Yom Kippur. Seria o efeito do modelo árabe de estratégia da lassidão? (Nota do Autor).



março de 1988, calcula-se que quase 5.000 pessoas pereceram, muitas delas mulheres e crianças.

O segundo fato felizmente não se concretizou, mas pudemos sentir seu espectro pelas imagens na TV: o bombardeio de Israel por mísseis SCUD iraquianos com possibilidade de carregar cargas químicas letais. Tais ações levaram os judeus aos abrigos antiaéreos, com máscaras contra gases e instruções de procedimentos de defesa.

Conhecida como "a bomba atômica dos pobres", essas armas são baratas, mortíferas, eficientes e acessíveis, principalmente às nações do Terceiro Mundo.

## EX-URSS

Recentemente, presenciamos a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, fracionada em várias repúblicas já preexistentes. Todavia, a secessão não foi aceita pela Rússia

em algumas pequenas regiões. É o caso de um pequeno país próximo ao Cáucaso: a Chechênia.

Graças à televisão, podemos tomar conhecimento dessa cruel realidade e observarmos a devastação indiscriminada, em especial em sua capital, Grozny, onde vemos a ineficiência das ultra modernas armas russas, frente a uma bem aguerrida força popular.<sup>20</sup> Mais uma vez sobressai a eficácia, eficiência e a efetividade do trinômio relevo-localidade-habitante.

## GUERRILHA URBANA

A título de ilustração lembramos as atividades de guerrilha urbana. Esse tipo de combate teve um grande desenvolvimento no pós Segunda Guerra Mundial, sendo muito apreciado pelos movimentos revolucionários que visavam à libertação nacional, expulsão de um agressor ou mesmo à tomada do poder.

As ações desenvolvidas pelos guerrilheiros apresentavam um novo enfoque da luta urbana onde o confronto em si é raro, mas as atividades de sabotagem, terrorismo seletivo ou indiscriminado, assassinatos, assaltos a bancos, seqüestro e outras atividades ligadas ao banditismo fazem com que as medidas repressoras sejam mais de caráter policial. Além disso, o guerrilheiro usa algumas técnicas de combate em localidade tais como: aproveitamento da amplitude geográfica; abrigos para o esconderijo; uso de canais subterrâneos para deslocamentos e a conquista da confiança e do apoio da população local.

## ENSINAMENTOS

Analisando as diversas batalhas travadas em localidades verificamos que:

- o ideal é alicerçar a defesa numa localidade incrustada em uma região com relevo acidentado como foi feito em Cassino, Bastogne e, mais recentemente, em Beirute e Cabul;

- apesar de ser um típico combate de infantaria, o apoio cerrado das outras armas, quadros e serviços é

<sup>20</sup> A artilharia, a aviação e a força blindada, forças de elite do Exército Russo, poucos danos causaram aos chechênios, por terem sido empregadas de forma inadequada, levando o combate aproximado ou o corpo a corpo como a única forma eficiente de desalojar ou eliminar o aguerrido defensor. Mais uma vez os defensores estão impondo aos atacantes seu modelo de estratégia da lassidão, onde além do desgaste material, humano e psicológico, há o político. (Nota do Autor).

fundamental para o êxito das operações:

- toda localidade se sustenta, se tiver, pelo menos, uma via de acesso ligando-a a sua base logística. Essa ligação pode ser terrestre ou aquática, contanto que possibilite um grande fluxo de suprimentos e recompletamentos como ocorreu em Leningrado, Stalingrado, Tobruk, Cassino e, mais recentemente, em Huê, Beirute ou Cabul. Caso essa ligação seja quebrada, obrigando o reabastecimento aéreo, de alto custo e dependente das condições climáticas, o apoio administrativo fica vulnerável e fadado ao fracasso. Como exemplo clássico temos a derrota alemã em Stalingrado, onde a Alemanha perdeu 2 exércitos de campanha, várias grandes unidades e considerável parte da sua força de bombardeiros e de aviões de transporte, ou em Dien Bien Phu, que caiu porque os franceses não conseguiram mantê-la reabastecida pelo ar;

- um modo certo de se vencer esse combatente bem abrigado é cortando-lhe o suprimento, quer pelo cerco geral, quer por ações rápidas contra sua linha de abastecimento, e assim, isolado, deixá-lo cair pela manobra,

como foi feito pelos alemães em Kiev e em Smolensk;

- uma maneira de forçar o defensor à rendição é destruir seus serviços básicos como, por exemplo, os depósitos de água, como ocorreu em Cingapura, em 1942;

- a falta de uma doutrina pode ser fatal para um Exército, como ocorreu com os aliados no princípio da Segunda Guerra Mundial. Hoje em dia, as nações da OTAN estão desenvolvendo doutrinas para encontros nesse ambiente, baseados em experiências próprias e dados históricos, sendo testadas constantemente em exercícios;

- como doutrina militar, pequenos grupos devem ser combatidos por pequenos grupos. Esses grupos atuam dentro do princípio do apoio mútuo, entregando um armamento compatível para cada operação. Nesse ambiente de combate aproximado, todas as Armas e Forças dele participam;

- o ressurgimento do habitante-combatente em guerras convencionais como a Segunda Guerra Mundial, em conflitos localizados como o Afeganistão ou a Chechênia, em atividades irregulares como a guerrilha urbana ou, até, no submundo

do crime, abriu um precedente para melhor estudarmos o seu emprego militar e seu *modus operandis*, uma vez que, hoje em dia, ele não é mais um mero espectador dos conflitos e sim um dos seus elementos capitais;

- o emprego da população civil é fundamental, quer em relação à mão-de-obra, como guias ou combatentes, como serviços essenciais e/ou atividades diárias. Seu controle deve ser rígido, em particular se for inimiga, a fim de evitar atos de sabotagem ou de distúrbios. Um exército que soube bem controlar os civis foi o francês, quando das ações na Argélia, de 1954-1962. Maiores ensinamentos podem ser colhidos no filme *A Batalha de Argel*;

- o Exército israelense, que sempre se destacou por impressionantes manobras de ruptura e envolvimento de forças bem superiores, evita, até hoje, o confronto urbano, porque esse tipo de guerra de atrito não convém a países com limitações de suprimentos e de recompletamento;

- esse tipo de luta é muito apreciado por povos de pouca experiência militar, fraca organização e poucos recursos. A força armada,

amplia a vantagem política e o combatente, fracamente armado, consegue desgastar, moral e materialmente o inimigo;

- outra vantagem para o defensor é que esse tipo de combate evita ou retarda uma derrota decisiva. Quanto ao atacante, geralmente se embrenha no turbilhão do combate e, quando se dá por conta, descobre que teve grandes perdas em troca de pouco terreno, quando não uma derrota fragorosa;

- em algumas regiões, esse tipo de combate, atualmente, tem sido o preferido também pelos narcotraficantes, que se aproveitam das edificações e da população civil, para traficar e se deslocar em segurança, como acontece no Rio de Janeiro, entre outras grandes cidades do mundo;

- nos dias de hoje, é comum uma peleja em localidade se desenvolver em conjunto com as atividades rotineiras da população, amenizando a destruição das construções;

- apesar de ser uma solução bastante "discutível" do ponto de vista ético, o uso de agentes QBN (químicos, biológicos e nucleares) podem oferecer, nas mãos dos atacantes, uma solução rápi-

da, econômica e eficaz. Tal exemplo é bem nítido nas ações de Sadam Hussein contra os curdos em Halabjah. Outro exemplo, este já na atuação terrorista, é o ataque com gás Sarin em estações do metrô de Tóquio, de recente realização;

- na guerra irregular, esse tipo de combate é o ideal para desgastar politicamente as forças legalmente constituídas, pois expõe a sua incapacidade de reação a curto prazo e desestabiliza psicologicamente seus membros forçando-os a praticar desatinos, logo difundidos pelos adversários. Essas notícias levantam a opinião pública contra o governo e as forças regulares. Ao mesmo tempo, torna a população simpatizante do combatente, da ideologia e do governo revolucionário. Isto aconteceu em Huê;

- recentemente o emprego das "operações cirúrgicas" lançou, talvez, uma solução para forçar o inimigo à rendição, ao destruir seus pontos sensíveis, não só em localidades como também no terreno. Como exemplo, podemos recordar as imagens da Guerra do Golfo;

- o estudo dos cinco aspectos militares do terreno (observação e campo de tiro;

cobertas e abrigos; obstáculos; acidentes capitais e vias de acesso) é bastante dinâmico e complexo, baseando-se muito na experiência dos combatentes.

## CONCLUSÃO


Passados cinquenta anos e em plena época da tecnologia e de conhecimentos moderníssimos, concluímos que este tipo de combate pouco evoluiu, ainda sendo necessário o ímpeto e a astúcia do combate aproximado para definir o vencedor, principalmente nos conflitos localizados.

Esse tipo de combate é a versão urbana da guerra de atrito, uma das linhas de ação da *doutrina da lassidão*. O emprego de pouco efetivo contra um inimigo mais numeroso, melhor armado, mais bem adestrado e tecnologicamente mais evoluído, leva-o ao desgaste cronológico, material, pessoal, psicológico e político.

Verificamos que o uso da aviação, da artilharia, dos blindados ou de qualquer outro tipo de arma auxiliam, mas não determinam o vencedor.

Observamos que, devido ao crescente surto urbano neste século, será cada vez mais frequente o emprego

desse tipo de combate em ações regulares ou irregulares. Devemos pois nos dedicar com afinco no aprimoramento da doutrina, da instrução e no adestramento da tropa para esse tipo de combate, que poderá ser o combate padrão do futuro.

Por fim, queremos deixar registrado um pensamento do maior historiador militar do nosso século, Sir Basil H. Lidell Hart, retirado de sua obra-prima *As Grandes Guerras da História: A grande sabedoria de um general consiste primeiro em frustrar os planos do inimigo; depois, em evitar a junção de suas forças e, finalmente, atacá-lo em campo aberto. Seu maior erro sitiá-lo em cidades fortes.* 

## BIBLIOGRAFIA

- ABRIL CULTURAL. *História do Século 20*. Editora Abril, São Paulo-SP, Brasil, 1976.
- ALMEIDA, Adhemar Rivermar de, Coronel. *Montese — Marco glório de uma trajetória*. Bibliex, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1985.
- ARARIPE, Tristão de Alencar. *Expedições Militares Contra Canudos — Seu Aspecto Marcial*. Bibliex, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1985.
- BALDWIN, Hanson W. *Batalhas Ganhas e Perdidas*. Bibliex, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1978.
- BARKER, A. J. *A Guerra dos Seis Dias*. Renes, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1979.
- BÖHMLER, Rudolf. *Monte Cassino*. Flamboyant, São Paulo-SP, Brasil, 1966.
- BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. *Região Heróis da Lapa — 100 Anos*. Prefeitura Municipal de Curitiba, Curitiba-PR, Brasil, 1991.
- CHAVES, Hugo Jorge de Brito. *Os Marechais de Napoleão*. Bibliex, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1996.
- CORPOS DE ELITE. *Cassino (Vol 17), Huê (Vol 16), Contra a Parede (Vol 19)*. Editora Globo, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1987.
- DESCHNER, Günther. *O levante de Varsóvia — O Aniquilamento de uma Nação*. Renes, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1974.
- DOCUMENTÁRIO DE TELEVISÃO. *Século 20*. TV Manchete, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1996.
- ELSTOB, Peter. *Bastogne — o último bloqueio*. Renes, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1976.
- ESSAME, H., Major-General. *A conquista da Normandia — Cai a Fortaleza-Europa*. Renes, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1978.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. *C 20-320 Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército*. EME, Brasília-DF, Brasil, 1977.
- . *História do Exército Brasileiro*, Vols. 01, 02 e 03, Brasília-DF, Brasil, 1972.
- FARRAR-HOCKLEY, Anthony, Brigadeiro. *Market-Garden*. Renes, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.

- JUKES, Geoffrey. *A Defesa de Moscou*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- . *Stalingrado — o princípio do fim*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil; CONDOR, Richard. *W. Guerra da Finlândia — inverno de sangue*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- KEEGAN, John. *Barbarossa — a invasão da Rússia*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1974.
- LEACH, Barry. *O Estado-Maior Alemão*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- LIDELL HART, Sir Basil Henry. *As Grandes Guerras da História*. Ibrasa, São Paulo-SP, Brasil, 1982.
- . *O Outro Lado da Colina*. Bibliex, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1980.
- MAYER, Sydney L. *MacArthur*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- SELEÇÕES. “A Crescente Ameaça das Armas Químicas” (setembro de 1989). *Reader's Digest*. Lisboa, Portugal, 1989.
- SILVEIRA, Josel. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Editora Tecnoprint, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1976.
- SPITZCOVSKY, Jaime. *A Nova Guerra do Vietnã — o desafio de um país para superar a pobreza*. Editora Ática, São Paulo-SP, Brasil, 1995.
- STOCK, James W. *Tobruk — a chave do Egito*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. Melhoramentos, São Paulo-SP, Brasil, 1965.
- ZIEMKE, Earl F. *A Batalha de Berlim — o fim do III Reich*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- WALBERCK, Carl D. Tenente-Coronel. “Novos Conceitos de Combate” (setembro de 1975). *Military Review*, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1975.
- WILLIAMS, John. *França — 1940 — a catástrofe*. Renes. Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1974.